

Ref: Jorge de Sena - Obras Completas

Poesia 1

Edição de Jorge Fozenda Lourenço.

Lisboa: Bobel, 2013.

JORGE DE SENA

Antologia Poética



Prof. Caio Gagliardi

Índice

OS TRABALHOS E OS DIAS	88
GLÓRIA	141
REQUIEM	196
POST-SCRIPTUM	294
CAMÕES DIRIGE-SE AOS SEUS CONTEMPORÂNEOS	329
CARTA A MEUS FILHOS SOBRE OS FUZILAMENTOS DE GOYA	347
A MÁSCARA DO POETA	351
"QUEM MUITO VIU..."	485
GLOSA DE GUIDO CAVALCANTI	488
EM CRETA, COM O MINOTAURO	516
AVISO DE PORTA DE LIVRARIA	567
CAMÕES NA ILHA DE MOÇAMBIQUE	649
RAÍZES	668
A MEMÓRIA DE ADOLFO CASAIS MONTEIRO	669
SOBRE ESTA PRAIA - OITO MEDITAÇÕES À BEIRA DO PACÍFICO	707

J O R G E D E S E N A
O B R A S C O M P L E T A S

Poesía 1



Mas até isso, meu amor, se não sabe ainda
se foi por minha causa,
se por causa de outros que terão nascido
ao mesmo tempo que eu.

14/4/1944

OS TRABALHOS E OS DIAS

Sento-me à mesa como se a mesa fosse o mundo inteiro
e principio a escrever como se escrever fosse respirar
o amor que não se esvai enquanto os corpos sabem
de um caminho sem nada para o regresso da vida.

À medida que escrevo, vou ficando espantado
com a convicção que a mínima coisa põe em não ser nada.
Na mínima coisa que sou, pôde a poesia ser hábito.
Vem, teimosa, com a alegria de eu ficar alegre,
quando fico triste por serem palavras já ditas
estas que vêm, lembradas, doutros poemas velhos.

Uma corrente me prende à mesa em que os homens comem.
E os convivas que chegam intencionalmente sorriem
e só eu sei porque principiei a escrever no princípio do mundo
e desenhei uma rena para a caçar melhor
e falo da verdade, essa iguaria rara:
este papel, esta mesa, eu apreendendo o que escrevo.

27/10/1942

ESPIRAL

Um só poema basta para atingir a terra,
caminho de todos os poemas,
sinal de todas as graças,
poço de todas as águas,
tenham ou não tenham olhos que as chorem.

Oh poema caminhando ao encontro
de uma seiva tranquila
em canálculos de virgindade activa!
Oh poema suposto inevitável
enquanto homens desistam e se apaguem!
Graça de morte para uma ideia nascente;
olhar de torre antiga,
sobranceira ao adro restaurado...

Aqui era uma fonte.

Que os homens entendam,
que os homens lutem,
que os homens esmaguem
os sinais inventados.

O poema vem descendo e cruza-se com outros.

Aqui nunca houve um rio.

E o poema infiltra-se de perto,
deixando à superfície
uma ligeira espuma poética representando o poeta
de olhos abertos para a espiral dos tempos.

21/3/1942

para justificar um Deus e um par de joelhos curvados
e à procissão de povos abandonando o abismo.

20/5/1943

NATAL

Nos aviões que o mar imenso cruzam,
para que as ondas desçam das alturas
à terra em que se espriam, ninguém vai.
Quais pássaros, se os move o coração,
ficou na primavera a esperança do regresso.
Descem com a noite, pousam no arvoredor,
e, afinal, mais longe é que pousaram...

Não há já folhas secas, este ano;
o vento frio leva papéis velhos
sobre a terra húmida... E as ervas
encurvam-se, e levantam-se manchadas
de alguma tinta: como a humanidade.
Em toda a parte, os mortos se demoram,
os feridos se recordam... Será sangue, então.

«Há dois mil anos...» – dizem várias vozes,
e várias letras, várias forças de hábito.
No entanto, quem nasceu foi um segredo,
um querer encher de nomes uma ausência
e de confiança as mães que nos embalam.
.....
Crianças se sumiram no incêndio...
Que rósea aurora as ressuscitará?

27/12/1943

GLÓRIA

Um dia se verá que o mundo não viveu um drama.

Todas estas batalhas, todos estes crimes,
todas estas crianças que não chegaram a desdobrar-se em carne viva
e de quem, contudo, fizeram carne viva logo morta,
todos estes poetas furados por balas
e todos os outros poetas abandonados pelos que
nem coragem tiveram de matar um homem,
toda esta mocidade enganada e roubada
e a outra que morreu sabendo que a roubavam,
todo este sangue expressamente coalhado
à face íntegra da terra,
tudo isto é o reverso glorioso do findar dos erros.

Um dia nos libertaremos da morte sem deixar de morrer.

6/4/1942

CESSAÇÃO

Quando a morte vier, ou procurada
eu a tiver comigo apenas por um instante,
qual já nem for amante
a esperança conseguida à liberdade,
então do nada que a existência invade
alguma dor virá de não ter dito
que a vida eu não sofria como um rito
do Sol de outras manhãs. Expatriada?

adivinhadas e entendidas na mesma paisagem do mundo.
Um abismo irremediavelmente preenchido.

Não é que já não valha a pena.
Nem que não haja um sentido nos vazios signos.
Nem que eu me abandone.
Nem que eu me deteste.
O amor. Um grande silêncio. Uma ironia.
ao canto dos lábios. Tudo.

Amas-me e és como um grande silêncio
da morte, que nas veias
para sempre me corria,
a esvair-se angustiosamente agora tranquila
pelo fino golpe de lâmina
algures em mim sangrando os fins da vida.

19/9/1948

REQUIEM

Serenamente será que eu morrerei
talvez já pra morrer sofrir conforme
o fim da vida quando o fim vier.

Toda esta calma de saber a lei
do mundo e a angústia de o saber enorme,
alheio a mim sendo eu tão dele, quer
doendo longe, quer magoando perto,
sussurra ao vento como areal deserto
– e morrerei da morte que foi vindo
serenamente no pavor que a trouxe

todos os dias (altas horas, noites
de insónia, estradas solitárias,
apitos de comboio, cães ladrando,
uma criança dentro de casa chorando,
vidros partidos remendados a jornal,
candeeiros numa cave) – todo o mal,
ah não nem mal nem bem: só morrerei
serenamente, se estiver já morto.
E não verei o dia de amanhã!?
E não querei vê-lo!?

(Sobre o cabelo
estará pousada a tua mão.

Não! Não! Não posso: meu amor, tu, não.)

9/4/1947

ODE AO AMOR

Tão lentamente, como alheio, o excesso de desejo,
atento o olhar a outros movimentos,
de contacto a contacto, em sereno anseio, leve toque,
obscuro sexo à flor da pele sob o entreaberto
de roupas soerguidas, vibração ligeira, sinal puro
e vago ainda, e súbito contrai-se,
mas não é excesso, ondeia em síncope e golpes
no interior da carne, as pernas se distendem,
dobram-se, o nariz se afila, adeja, as mãos,
dedos esguios escorrendo trémulos
e um sorriso irónico, violentos gestos,
amor...

de meu destino a essência que lhe dou
na extrema contingência de tornar a ser.

As nuvens passam cuidadosamente.
Escuto-as ou me escuto? Vejo-as ou me vejo?
Um cicio brando, um murmurar, um fluido
e ténue perpassar de pétalas molhadas,
como flores que abriram no silêncio de outras.

30/1/1954

POST-SCRIPTUM

Não sou daqueles cujos ossos se guardam,
nem sou sequer dos que os vindouros lamentam
não hajam sido guardados a tempo de ser ossos.

Igualmente não sou dos que serão estandartes
em lutas de sangue ou de palavras,
por uns odiado quanto me amem outros.

Não sou sequer dos que são voz de encanto,
ciciando na penumbra ao jovem solitário,
a beleza vaga que em seus sonhos houver.

Nem serei ao menos consolação dos tristes,
dos humilhados, dos que fervem raivas
de uma vida inteira a pouco e pouco traída.

Não, não serei nada do que fica ou serve,
e morrerei, quando morrer, comigo.

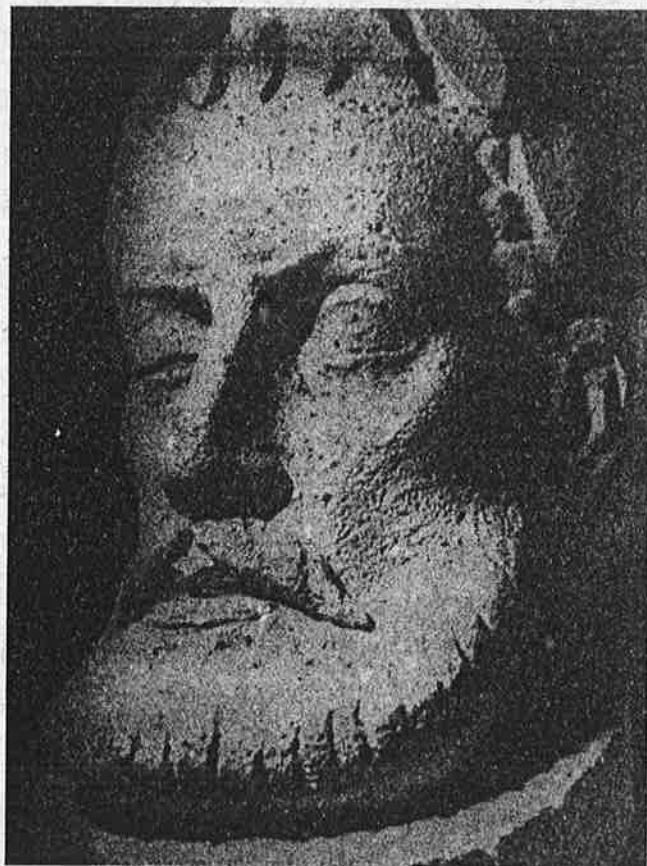
Só muito a medo, a horas mortas, me lerá,
de todos e de si se disfarçando,
curioso, aquel' que aceita suspeitar
quanto mesmo a poesia ainda é disfarce da vida.

27/5/1954

O FIM QUE NÃO ACABA

Na cinzenta luz que pardamente morre
como um fósforo em que faúlhas correm
serenamente, até que um turno sobe
e vago vai subindo e já não está
aonde o fogo foi e não existe,
um dia acaba esbranquiçado, pardo,
à beira de um silêncio que das vozes
faz solitários ecos não repercutidos
ah! como da música se abrem ténues mas
firmes sequências do que vai sendo o mesmo
que outrora ouvi na mesma vida ansiosa,
tão seguramente então quanto os acordes soam
no crepúsculo vazio da lembrança amarga
a demorar-se, a definir-se, a recompor-se,
qual nunca foi, qual nunca por palavras,
se demorou nem definiu. Pois nunca,
não, nunca ouvi que me disseram, ou
falei de mim.

Ao longe, muito longe, dentro de horizontes
que abertamente se abrem às escâncaras
para a nocturna paz das bestas monstruosas,



Camões, de Bruno Giorgi.
Ministério da Educação do Brasil, Rio de Janeiro.

no que fizera; e não reconheceu
aquele olhar tão variamente fundo,
diverso do que, em tintas, punha sobre o mundo.

Mas tudo conjectura apenas.

Quem era? Qual o nome? Não sabemos
nada, inteiramente nada. A fronte límpida,
a boca que se fecha num desdém tão vago,
os olhos falsamente juvenis, irónicos,
o róseo, o negro, o terra, a leve pincelada,
parecem falar. Apenas o parecem. E,
dele, como do Mestre, não sabemos nada.
E quanto à data... a data é muito incerta.

Magnífica pintura. Oh! Sem dúvida,
de uma importante personagem. Inda
dependemos desse jovem? Mas quem era?
Será que ele o sabia? Ou que o pintor o soube
'naquel' momento de olhos em que o mundo coube?

Lisboa, 28/8/1958

CAMÕES DIRIGE-SE AOS SEUS CONTEMPORÂNEOS

Podereis roubar-me tudo:
as ideias, as palavras, as imagens,
e também as metáforas, os temas, os motivos,
os símbolos, e a primazia
nas dores sofridas de uma língua nova,
no entendimento de outros, na coragem
de combater, julgar, de penetrar



Eleonora di Toledo, de Bronzino.
Wallace Collection, Londres.

em recessos de amor para que sois castrados.
E podereis depois não me citar,
suprimir-me, ignorar-me, aclamar até
outros ladrões mais felizes.
Não importa nada: que o castigo
será terrível. Não só quando
vossos netos não souberem já quem sois
terão de me saber melhor ainda
do que fingis que não sabeis,
como tudo, tudo o que laboriosamente pilhais,
reverterá para o meu nome. E mesmo será meu,
tido por meu, contado como meu,
até mesmo aquele pouco e miserável
que, só por vós, sem roubo, haverfeis feito.
Nada tereis, mas nada: nem os ossos,
que um vosso esqueleto há-de ser buscado,
para passar por meu. E para outros ladrões,
iguais a vós, de joelhos, poreis flores no túmulo.

Assis, 11/6/1961

«ELEONORA DI TOLEDO,
GRANDUCHESSA DI TOSCANA», DE BRONZINO

Ao Murilo Mendes

Pomposa e digna, oficialmente séria,
é geometria ideal de príncipes banqueiros,
sobrinhos, primos, tios de toda a Europa,
de reis, senhores de terras e armadores,
severamente equilibrados entre
o sexo, a devoção e as hipotecas.
O mundo é um imenso caos de intolerância austera,



Três de Maio, de Goya.
Museu do Prado, Madrid.

que os longos, longos, os cabelos soltos!
«Ai que antes de violar-me, prometeste
casar comigo! Vem, meu coche!»

Terraços e neblinas, e muralhas turvas
e uma ansiedade colorida e crua
tão levemente insinuada a toques
de penetrada posse virginal. Ofélia!
«Enquanto uns têm de vigiar, os outros
têm de dormir. Boa noite, doce príncipe,
e que revoadas de anjos te conduzam
cantando ao teu repouso!»

Sanguineamente se dilui perdida
a borboleta ao longo de águas mansas.

Lisboa, 20/6/1959

CARTA A MEUS FILHOS SOBRE OS FUZILAMENTOS DE GOYA

Não sei, meus filhos, que mundo será o vosso.
É possível, porque tudo é possível, que ele seja
aquele que eu desejo para vós. Um simples mundo,
onde tudo tenha apenas a dificuldade que advém
de nada haver que não seja simples e natural.
Um mundo em que tudo seja permitido,
conforme o vosso gosto, o vosso anseio, o vosso prazer,
o vosso respeito pelos outros, o respeito dos outros por vós.
E é possível que não seja isto, nem seja sequer isto
o que vos interesse para viver. Tudo é possível,
ainda quando lutemos, como devemos lutar,

por quanto nos pareça a liberdade e a justiça,
ou mais que qualquer delas uma fiel
dedicação à honra de estar vivo.

Um dia sabereis que mais que a humanidade
não tem conta o número dos que pensaram assim,
amaram o seu semelhante no que ele tinha de único,
de insólito, de livre, de diferente,
e foram sacrificados, torturados, espancados,
e entregues hipocritamente à secular justiça,
para que os liquidasse «com suma piedade e sem efusão de sangue».

Por serem fiéis a um deus, a um pensamento,
a uma pátria, uma esperança, ou muito apenas
à fome irresponsável que lhes roía as entranhas,
foram estripados, esfolados, queimados, gaseados,
e os seus corpos amontoados tão anonimamente quanto haviam

[vivido,

ou suas cinzas dispersas para que delas não restasse memória.
Às vezes, por serem de uma raça, outras
por serem de uma classe, expiaram todos
os erros que não tinham cometido ou não tinham consciência
de haver cometido. Mas também aconteceu
e acontece que não foram mortos.

Houve sempre infinitas maneiras de prevalecer,
aniquilando mansamente, delicadamente,
por ínvios caminhos quais se diz que são ínvios os de Deus.
Estes fuzilamentos, este heroísmo, este horror,
foi uma coisa, entre mil, acontecida em Espanha
há mais de um século e que por violenta e injusta
ofendeu o coração de um pintor chamado Goyá,
que tinha um coração muito grande, cheio de fúria
e de amor. Mas isto nada é, meus filhos.
Apenas um episódio, um episódio breve,

nesta cadeia de que sois um elo (ou não sereis)
de ferro e de suor e sangue e algum sêmen
a caminho do mundo que vos sonho.
Acreditai que nenhum mundo, que nada nem ninguém
vale mais que uma vida ou a alegria de tê-la.
É isto o que mais importa – essa alegria.
Acreditai que a dignidade em que hão-de falar-vos tanto
não é senão essa alegria que vem
de estar-se vivo e sabendo que nenhuma vez
alguém está menos vivo ou sofre ou morre
para que um só de vós resista um pouco mais
à morte que é de todos e virá.

Que tudo isto sabereis serenamente,
sem culpas a ninguém, sem terror, sem ambição,
e sobretudo sem desapego ou indiferença,
ardentemente espero. Tanto sangue,
tanta dor, tanta angústia, um dia
– mesmo que o tédio de um mundo feliz vos persiga –
não hão-de ser em vão. Confesso que
muitas vezes, pensando no horror de tantos séculos
de opressão e crueldade, hesito por momentos
e uma amargura me submerge inconsolável.
Serão ou não em vão? Mas, mesmo que o não sejam,
quem ressuscita esses milhões, quem restitui
não só a vida, mas tudo o que lhes foi tirado?
Nenhum Juízo Final, meus filhos, pode dar-lhes
aquele instante que não viveram, aquele objecto
que não frufram, aquele gesto
de amor, que fariam «amanhã».
E, por isso, o mesmo mundo que criemos
nos cumpre tê-lo com cuidado, como coisa
que não é só nossa, que nos é cedida



Máscara de bronze de John Keats.
National Portrait Gallery, Londres.

para a guardarmos respeitosamente
em memória do sangue que nos corre nas veias,
da nossa carne que foi outra, do amor que
outros não amaram porque lho roubaram.

Lisboa, 25/6/1959

A MÁSCARA DO POETA

Fechaste os olhos como para a morte,
e a boca também, serenamente colados
os lábios como pálpebras que pousam,
expectantes e tranquilas, sobre o olhar que fala.
Em bronze foi fundida a tua máscara
moldada no teu rosto – vivo ou morto.
Não é uma obra de arte. Mas tu próprio,
sem retrato, sem artista a adivinhar-te,
sem a matéria que nas mãos ele sintia
a conduzi-lo e a guiá-lo qual matéria que é.
Tu próprio. A carne, o sangue, a sensação de ser,
o pensamento arguto penetrando as coisas,
o sofrimento e o amor, o aproximar da morte,
e essa beleza que era uma alegria eterna,
poderiam todos palpitar por sob
aquele bronze, se ele fosse a pele
que tinhas no momento da moldagem,
qual palpitavam, te oprimiam, te
matavam pouco a pouco pela mão de versos
tão esquivos e distantes como Fanny Brawne.
Ah bem sabias, e o teu rosto o mostra
no afilamento do perfil que em bronze

brilha polido como se perlado
do agónico suor da tua vida,
quanto a poesia te era uma dormência alheia
até ao instante em que já escrita a vias
ser um dado sentido à doce melodia
mais doce ainda quanto não ouvida:
Noiva da quietude, pastoral gelada.

Tu bem sabias que essa máscara, o teu rosto
assim moldado e a conter-te a vida,
não era essa poesia que esperavas
como se os dias quentes não cessassem nunca,
e que te aparecia, súbita e potente,
sereno Diónisos, convulso Apolo,
para enlaçar-te na grinalda de
flores; que nos prende à terra, à dolorosa Terra,
por sobre a qual, no Outono, os bandos de andorinhas
passam chilreando nos recurvos céus.

Outra era a máscara, que dentro dela
a carne, o sangue, a sensação de ser,
o pensamento arguto penetrando as coisas,
o sofrimento e o amor, o aproximar da morte,
e essa beleza que era uma alegria eterna,
não só não palpitavam como não
chegavam a oprimir-te ou a matar-te,
mas repousavam na sombra, destilavam-se
na tepidez que vinha de uma luz distante,
ou decantavam no sereno poço da memória,
idênticos, singelos, indiferentes,
privados de sentido ou de contorno,
ignotos, impalpáveis e silentes.

Foi essa que puseste quando te moldaram:
não a do homem que eras e a máscara cingia
como a do poeta que só esse homem era,
mas a outra, que nenhum artista te veria
senão tu próprio, nem mesmo ficaria
em moldagem alguma, se tu não
fechasses os olhos como para a morte,
e a boca também, serenamente colados
os lábios como pálpebras que pousam,
expectantes e tranquilas, sobre o olhar que fala.

Lisboa, 6/6/1959

DANÇARINO DE BRUNEI

Em fortes linhas de contorno suave
e em passos que se pousam prolongando
o gesto da nudez quase completa
(ou sim, completa, pois que um breve pano
descendo da cintura nada cobre ou veste)
de um corpo que se ondula duro e frágil
como de amor a força requebrada,
a mesma dança nesta imagem quieta
é suspensa num momento. Os pés
assentam, um, nos dedos só, e o outro
cruzado à frente a perna torce um pouco.
Maças do rosto e os olhos concentrados
são como a franja do cabelo fluidos
neste relevo brônzeo de uma luz de lado.
E ao torso que da cinta se levanta
um colar marca as linhas do pescoço
em que a cabeça se ergue delicada.

que faz tremer o juiz imparcial,
equânime, que existe em cada cidadão
de honesta vida e puro coração,
esse impoluto julgador que somos,
nenhum de nós, senhores, se apoia em tomos
de ponderosa ciência do Direito
para julgar o mal que assim foi feito.
Falando francamente, não sabemos
como aplicar ao caso nós devemos
as regras e os castigos: a extensão
do crime escapa-nos. E a multidão
de provas, testemunhos, e de indícios,
à custa de tão grandes sacrifícios
aqui trazida, em nada nos adianta
ao conhecer exacto, porque tanta
minúcia probatória nos afasta
do nó, da essência. E a memória casta
com que nós recorramos à experiência
de cada um, tão limitada, vence-a
a própria mansidão da nossa vida
em tão calmas tarefas repartida.
Não que eu proponha a absolvição do réu,
nem que, sem forças pra rasgar o véu
que nos oculta a realidade crua,
nos proponhamos nós a que à verdade nua
se oponha em juízo a improcedência. Não.
É dever nosso não largar da mão
tão importante causa. Suspendamos
a nossa decisão. E resguardamos,
se a tal prudência nos levar o voto
que em vossos olhos eu direi que noto,
ao mesmo tempo o tribunal e o povo
contra os efeitos do elemento novo

que, em nosso seio, seja introduzido
pela malícia de um qualquer partido.
Nós somos, meus senhores, alguém que está
acima dessas lutas. E não há,
neste areópago de velhos sábios,
apesar do sorriso em vossos lábios
em que piedade e força se consomem,
ninguém que queira liquidar um homem
que a muitos títulos nos é nefasto.
Não é por ele que eu palavras gasto
e a vossa paciência. Mas por nós.
Nem liberdade, nem prisão. Uma voz
nunca foi coisa de temer. Atentai
nesta verdade, meus senhores: que nada
pode escapar-nos, coisa alguma, nada.
E num bem claro gesto de que a estima
pelo bem-estar social é o que me anima,
requero que nessa acta fique escrito
que não falei. É tudo. Tenho dito.

11/6/1961

«QUEM MUITO VIU...»

Quem muito viu, sofreu, passou trabalhos,
mágoas, humilhações, tristes surpresas;
e foi traído, e foi roubado, e foi
privado em extremo da justiça justa;

e andou terras e gentes, conheceu
os mundos e submundos; e viveu

dentro de si o amor de ter criado;
quem tudo leu e amou, quem tudo foi –

não sabe nada, nem triunfar lhe cabe
em sorte como a todos os que vivem.
Apenas não viver lhe dava tudo.

Inquieto e franco, altivo e carinhoso,
será sempre sem pátria. E a própria morte,
quando o buscar, há-de encontrá-lo morto.

1961

SÚPLICA FINAL

Senhor: não peço mais que silêncio,
o silêncio das noites de planície como enevoadas águas,
o silêncio dos montes quando a tarde acabou e as pedras
se afixam na friagem que é azul-celeste,
o silêncio do sol encarquilhando as folhas,
e o do vento na areia depois de ter passado,
o silêncio das ondas ao longe espumando tranquilas,
o silêncio das mãos e o dos olhos,
e o das aves negras que pairam nas alturas
de um céu silencioso e límpido. Não peço
mais que silêncio. O silêncio das ideias que deslizam
no tecto escorregadio da memória silente.
E o silêncio dos sonhos coloridos, e o dos outros
a preto e branco imagens desejadas
que não pensei que desejava e esqueço
ao querer lembrá-las. E o silêncio

dos sexos que se possuem sem uma palavra.
E o do amor também, tão silencioso esse,
que não sei quem amo.

Não peço mais. Afasta
de mim o estrondo; não o das cidades,
ou dos homens, das águas, do que estala
na memória ou penumbra das salas desertas.
Afasta de mim o estrondo com que a vida
se acabará contigo, num rasgar de súbito
em que ficarei inerte e silencioso. O estrondo
em que não ouvirei mais nada. O estrondo
em que não mexerei um dedo. O estrondo
em que serei desfeito. O estrondo
em que de olhos abertos
alguém mos fechará.

Senhor: não peço mais do que o silêncio do mundo,
o silêncio dos astros, o silêncio das coisas
que outros homens fizeram, e o das coisas
que eu próprio fiz. E o teu silêncio
de senhor que foi. Não peço mais.
Não é nada o que peço. Dá-me
o silêncio. Dá-me o que não fui:
silêncio (porque calei tanto):
o que não sou (pois que calo tanto):
o que hei-de ser (já que falar não adianta):
silêncio.
Senhor: não peço mais.

Assis, 23/6/1961

«NA TRANSTORNÂNCIA...»

Na transtornância impiala da firmusa
onde tão sulca-de aridentes vem
a lúpida virónia damitem
que à fura imerna talitera e gusa,

alumibate a sintoscura etrusa.
Etrusa e tantimorta. E noctibem.
Como doriga e desinada quem
turidonada aflia a solidusa.

Regredassara detimura antrô-
temáqua adira apira escamivorta:
adominata incesca viridou
muldina igura talimen sigorta.

Nantida imbiva. Na primara andiata
e na danfia atédimasta aflata.

Araraquara, 5/8/1961

GLOSA DE GUIDO CAVALCANTI

Perchi' I' no spero di tornar giammai

Porque não espero de jamais voltar
à terra em que nasci; porque não espero,
ainda que volte, de encontrá-la pronta
a conhecer-me como agora sei

que eu a conheço; porque não espero
sofrer saudades, ou perder a conta
dos dias que vivi sem a lembrar;
porque não espero nada, e morrerei

no exílio sempre, mas fiel ao mundo,
já que de outro nenhum morro exilado;
porque não espero, do meu poço fundo,

olhar o céu e ver mais que azulado
esse ar que ainda respiro, esse ar imundo
por quantos que me ignoram respirado;

porque não espero, espero contentado.

11/6/1961

VIGÍLIA CÍVICA

No planalto da Pérsia,
enquanto Quetzalcoatl se espanjeja, arrasta a cauda,
eles votam pela adopção da ementa parlamentarista.
A ementa é:
sopa de nabos, feijão guisado, arroz com carne seca.
Seca? Sim, minha senhora,
é na secura que os dentes encontram, exploram
e desenvolvem
as mais lídimas virtudes mastigativas.
Acredita V. Ex.^a, senador, na selecção natural,
ou prefere, peito de rola, o outro mundo como
vontade e representação?
Eu sei, Excelência, que a resposta é impossível,

Amor, amor, amor, como não amam
os que de amar o amor de amar o amor não amam.

16/6/1965

EM CRETA, COM O MINOTAURO

I

Nascido em Portugal, de pais portugueses,
e pai de brasileiros no Brasil,
serei talvez norte-americano quando lá estiver.
Coleccionarei nacionalidades como camisas se despem,
se usam e se deitam fora, com todo o respeito
necessário à roupa que se veste e que prestou serviço.
Eu sou eu mesmo a minha pátria. A pátria
de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações
nasci. E a do que faço e de que vivo é esta
raiva que tenho de pouca humanidade neste mundo
quando não acredito em outro, e só outro quereria que
este mesmo fosse. Mas, se um dia me esquecer de tudo,
espero envelhecer
tomando café em Creta
com o Minotauro,
sob o olhar de deuses sem vergonha.

II

O Minotauro compreender-me-á.
Tem cornos, como os sábios e os inimigos da vida.
É metade boi e metade homem, como todos os homens.
Violava e devorava virgens, como todas as bestas.

Filho de Pasifaë, foi irmão de um verso de Racine,
que Valéry, o cretino, achava um dos mais belos da «langu».
Irmão também de Ariadne, embrulharam-no num novelo de que se
[lixou.

Teseu, o herói, e, como todos os gregos heróicos, um filho da puta,
riu-lhe no focinho respeitável.

O Minotauro compreender-me-á, tomará café comigo, enquanto
o sol serenamente desce sobre o mar, e as sombras,
cheias de ninfas e de efecos desempregados,
se cerrarão dulcíssimas nas chávenas,
como o açúcar que mexeremos com o dedo sujo
de investigar as origens da vida.

III

É aí que eu quero reencontrar-me de ter deixado
a vida pelo mundo em pedaços repartida, como dizia
aquele pobre diabo que o Minotauro não leu, porque,
como toda a gente, não sabe português.
Também eu não sei grego, segundo as mais seguras informações.
Conversaremos em volapuque, já
que nenhum de nós o sabe. O Minotauro
não falava grego, não era grego, viveu antes da Grécia,
de toda esta merda douta que nos cobre há séculos,
cagada pelos nossos escravos, ou por nós quando somos
os escravos de outros. Ao café,
diremos um ao outro as nossas mágoas.

IV

Com pátrias nos compram e nos vendem, à falta
de pátrias que se vendam suficientemente caras para haver vergonha
de não pertencer a elas. Nem eu, nem o Minotauro,

teremos nenhuma pátria. Apenas o café,
aromático e bem forte, não da Arábia ou do Brasil,
da Fedecam, ou de Angola, ou parte alguma. Mas café
contudo e que eu, com filial ternura,
verei escorrer-lhe do queixo de boi
até aos joelhos de homem que não sabe
de quem herdou, se do pai, se da mãe,
os cornos retorcidos que lhe ornaram a
nobre frente anterior a Atenas, e, quem sabe,
à Palestina, e outros lugares turísticos,
imensamente patrióticos.

v

Em Creta, com o Minotauro,
sem versos e sem vida,
sem pátrias e sem espírito,
sem nada, nem ninguém,
que não o dedo sujo,
hei-de tomar em paz o meu café.

5/7/1965

SETE SONETOS DA VISÃO PERPÉTUA

I

Anos sem fim, à luz do mar aceso,
te vi nudez quase total, tão grácil
figura juvenil, ambígua e fácil,
e ao longe às vezes totalmente nua

em só relance de malícia crua.
Tudo isso me atraía e me afastava,
embora a vista, retornando escrava,
a teus lugares me tivesse preso.

E quase sempre então tua figura,
sentada estátua, ou falsa sesta impura,
lá era, ao sol, o tempo congelado.

Hoje, subitamente, tu não viste
ninguém senão o meu olhar quebrado,
e com lenta inocência te despiste.

Mas quantas rugas no sorriso ansiado!

II

Como velhice esta agonia desce
ao fundo em que me encontro só comigo.
E quanto amor trocara então contigo
enfim te dando o que sonhara em anos

se torna apenas máscara de enganos
com que te aceito, como amor antigo,
esse momento de ansiedade e perigo
que no teu rosto as rugas te recresce.

Tu sabes que de perto a juventude
se te queimou no acaso das entregas;
e quanto risco a tua imagem corre

AVISO DE PORTA DE LIVRARIA

Não leiam delicados este livro,
sobretudo os heróis do palavrão doméstico,
as ninfas machas, as vestais do puro,
os que andam aos pulinhos num pé só,
com as duas castas mãos uma atrás e outra adiante,
enquanto com a terceira vão tapando a boca
dos que andam com dois pés sem medo das palavras.

E quem de amor não sabe fuja dele:
qualquer amor desde o da carne àquele
que só de si se move, *não movido*
de prêmio vil, mas alto e quase eterno.
De amor e de poesia e de ter pátria
aqui se trata: que a ralé não passe
este limiar sagrado e não se atreva
a encher de ratos este espaço livre
onde se morre em dignidade humana
a dor de haver nascido em Portugal
sem mais remédio que trazê-lo n'alma.

25/1/1972

CAMÕES DIRIGE-SE AOS
SEUS CONTEMPORÂNEOS

1973

A edição de luxo com este título, publicada pela Ed. Inova, com desenhos de José Rodrigues e direcção gráfica de Armando Alves, compunha-se do poema titular, que pertence ao livro *Metamorfoses*, do conto «Super Flumina Babylonis», extraído de *Novas Andanças do Demónio*, Lisboa, 1966, e deste poema inédito que aqui se colige: tudo textos (de criação) do autor, referentes a Camões.

CAMÕES NA ILHA DE MOÇAMBIQUE

*A Amílcar Fernandes e Rui Knopfli,
moçambicanos de alma e coração, que me
passearam a Ilha de Moçambique.*

É pobre e já foi rica. Era mais pobre
quando Camões aqui passou primeiro,
cheia de livros a cabeça e lendas
e muita estúrdia de Lisboa reles.
Quando passados nele os Orientes
e o amargor dos vis sempre tão ricos,
aqui ficou, isto crescera, mas
a fortaleza ainda estava em obras,
as casas eram poucas, e o terreno
passeio descampado ao vento e ao sol
desta alavanca mínima, em coral,
de onde saltavam para Goa as naus,
que dela vinham cheias de pecados
e de bagagens ricas e pimentas podres.
Como nau nos baixios que aos Sepúlvedas
deram no amor corte primeiro à vida,
aqui ficou sem nada senão versos.
Mas antes dele, como depois dele,
aqui passaram todos: almirantes,
ladrões e vice-reis, poetas e cobardes,
os santos e os heróis, mais a canalha
sem nome e sem memória, que serviu
de lastro, marujagem, e de carne
para os canhões e os peixes, como os outros.
Tudo passou aqui – Almeidas e Gonzagas,
Bocages e Albuquerque, desde o Gama.
Naqueles tempos se fazia o espanto

desta pequena aldeia citadina
de brancos, negros, indianos, e cristãos,
e muçulmanos, brâmanes, e ateus.
Europa e África, o Brasil e as Índias,
cruzou-se tudo aqui neste calor tão branco
como do forte a cal no pátio, e tão cruzado
como a elegância das nervuras simples
da capela pequena do baluarte.
Jazem aqui em lápides perdidas
os nomes todos dessa gente que,
como hoje os negros, se chegava às rochas,
baixava as calças e largava ao mar
a mal-cheirosa escória de estar vivo.
Não é de bronze, louros na cabeça,
nem no escrever parnasos, que te vejo aqui.
Mas num recanto em cócoras marinhas,
soltando às ninfas que lambiam rochas
o quanto a fome e a glória da epopeia
em ti se digeriam. Pendendo para as pedras
teu membro se lembrava e estremeçia
de recordar na brisa as croias mais as damas,
e versos de soneto perpassavam
junto de um cheiro a merda lá na sombra,
de onde n'alma fervia quanto nem pensavas.
Depois, aliviado, tu subias
aos baluartes e fitando as águas
sonhavas de outra Ilha, a Ilha única,
enquanto a mão se te pousava lusa,
em franca distracção, no que te era a pátria
por ser a ponta da semente dela.
E de zanolho não podias ver
distâncias separadas: tudo te era uma
e nada mais: o Paraíso e as Ilhas,

heróis, mulheres, o amor que mais se inventa
e uma grandeza que não há em nada.
Pousavas n'água o olhar e te sorrias
– mas não amargamente, só de alívio,
como se te limparas de miséria,
e de desgraça e de injustiça e dor
de ver que eram tao poucos os melhores,
enquanto a caca ia-se na brisa esbelta,
igual ao que se esquece e se lançou de nós.

Ilha de Moçambique, 20/7/1972

e de planaltos as ravinas duras,
que deus pode inventar-se que não seja
dor de miséria de não ser-se, de não ter
de pais a filhos a linguagem livre?
Que liberdade pede? Que morrer deseja?
Será que em frente do altar-mor não tremem
dentro da simples laje os ossos de
um Paulo Dias de Novais? Que de imbondeiros
os frutos como ratos suspensos
ainda lhe roem um tutano seco
no fogo de queimadas e de incêndios
em que de povos só as cinzas ficam?

Porto, 24/8/1972

RAÍZES

Raízes? Nem mesmo todas as plantas têm,
e o termo cheira às gritarias de Barrès
(où voulez-vous que je m'enracine? – perguntava-lhe o Gide)
ou quejandas companhias galicanas pré-fascistas,
quando desejavam – patriotas – que francesas fossem
a Alsácia e a Lorena tão germânicas.
Tudo isto acabou triste em 45 – e o velho
da *Action Française* não foi fuzilado por colaboracionista
e denunciador de resistentes, atendendo-se
à sua idade (oh le prestige de la littérature!).
Raízes? Como – por metáfora – se ganham
ou se perdem? Sendo filho? Sendo pai? As duas coisas?
Vivendo aqui na pátria ou mais ou menos do que quantos anos?
Perderam-na Camões e Mendes Pinto no Oriente?
Ganhou-as Eça nos seus exílios de cônsul?

Manteve-as fumos de ópio aquele Camilo
apenas Pessanha por Macau? Ganhou-as
Pessoa tão inglês de sul das Áfricas,
no seu tão esperto exílio de Lisboa?
E o Vieira padre e brasileiro na Bahia,
largara-as lá por Roma à Cristina da Suécia?
Miguéis em Nova-York? O Pimentel das *Memórias*
perdeu-as em São Paulo? Este país – que sempre isto pergunta –
aonde tem raízes? Certamente que
à volta de Paris – com um milhão de raízes
a fazer filhos (e não porque em Paris
se escreva ou se traduza o lido em Portugal).
E isto é velho como o mundo: ao grego Heródoto
uns gregos que ele achou pelos Egíptos,
aos quais – tu quoque... – perguntou pelas raízes,
apontaram-lhe num gesto (lusitano)
qual a raiz que tinham radicada neles.
Raízes outras há: os mortos que nos dormem
na terra em que nascemos, na terra onde morreram,
e nos vivem na vida que não tendes nesta Europa finis –
pilritos fêmeas de outros mundos machos.

Porto, 25/8/1972

À MEMÓRIA DE ADOLFO CASAIS MONTEIRO

Como se morre, Adolfo? Tu morreste
(toca o telefone às duas da manhã em Lourenço Marques era a Joa-
ninha em lágrimas a dizer que o padrinho dela tinha morrido eu não
queria crer e mesmo perguntei – tendo tantos compadres – quem era
o padrinho dela cuja morte chegava em notícia de Lisboa a Mécia e
eu ficámos silenciosos com os olhos marejados das lágrimas que só

vítam no dia seguinte esperávamos mais dia menos dia tão doente
estavas aquela notícia agora mais incrível por chegada inopinadamente
do outro lado do mundo que não era sequer aquele em que morrias)
— e diz-me o Pimentel numá carta tão triste:
enquanto dormias a tua solidão
e estavas morto e sereno pela manhã alta.
Morreste na mesma solidão altiva e tímida
com que foras discreção e delicado ser
escondido em máscaras de sorriso amargo
e de palavras ásperas e rudes. Igual aos versos
que escreveste como raros no molhar de alma
em sangue e sentimento já essência
e só profunda vida oculta em música
puríssima de câmara em cordas tensas
a que o ranger dos arcos se somava ambíguo.
Ninguém máis nobremente ergueu em si
o monumento da morte esse viver contínuo
num só de se indicarem por oblíquos
sinais os gestos limpos da amizade
e os limpos mais ainda de um amor constante
que o teu corpo buscou em tantas mulheres
amando só algumas fielmente na tortura
de não se amar tão bem quanto o desejo.
Adolescente, amadureceste para uma velhice
a que te deste como monge laico
incrêu de tudo menos desse amor perdido
que à tua volta, em livros como em música,
era um sussurro de memórias silentes
a rodear-te de vácuo a tua sala vazia.
Como se morre, Adolfo? Trinta e três
anos — uma idade perfeita — conheci-te,
soube de ti o dito e o não-dito, o que escreveste
e o que não escreveste. Por instantes,

os teus olhos cruzavam-se num viés de vesgo
que era um saber terrível de estar só no mundo
e não haver que valha a pena que se diga
sem destruir se quanto em nossa vida é o pouco
indestrutível se guardado à força
num silêncio de exílio e de distância.
E todavia como estiveste no mundo, como
duramente bebeste toda a dor do mundo,
ou a fumaste em nuvens de cigarros que matavam
os teus pulmões possessos de asfixia.
Foste o estrangeiro e o exilado perfeito
e por todos nós que recusámos de um salto
por outras terras esta terra há séculos de outrem,
morreste em dignidade, sem queixas nem saudades
a queixa e a saudade mais pesadas
pesadas para o fundo, sem palavras
que as não há entendíveis aonde não se entende
a perfeição tranquila em desespero agudo
a que te deste num morrer sem voz
Morreste só, como viveste. Sem conversa,
como escolheste viver. Longe de tudo,
como a vida te deu que tu viveras.
E tão presente, mesmo se esquecido,
és como o fogo ardente a requeimar quem pensa
que em Portugal de Portugal se é.
Como se morre? Nesse instante extremo,
sentiste um respirar que te alargava
e te expandia o peito mais os olhos
até os confins deste universo inteiro?
Abriste os olhos? Só em sonhos viste?
Morreste — como se morre? — e no teu rosto
qual nos teus versos poderá ser lido
até que nem pensaste nem disseste.

Mas isso tu sabias, e creio que foi pouco
oh muito pouco ò que a morte fo' capaz de te ensinar.

Porto, 26/8/1972

DIÁLOGO MÍSTICO

S. João da Cruz a Santa Teresa:

– Teresa amiga minha de Jesus .
Teresa quanto não disseste nunca,
homem nenhum chegara para ti
e nem Deus sempre era tão macho que
arqueada te elevasse pelo ar puro
aonde te pairaras ainda quando
Deus homem se não fora e, Deus, não existira.
Que te direi amiga pobre humano
a Cristo dado como se não homem?

Santa Teresa a S. João da Cruz:

– Juan, hermano mio, quem não de homem
homem não é de um Deus que, se existira,
era mulher como água, se sentindo
ardências escorrer, o ventre palpitar,
e os seios estalando só de amor vazios?
Canta, Juan, teus versos de homem fêmea
como eu solet. o a prosa de mulher e macho:
nem Deus existirá, hermano mio,
se os dois o não criarmos para amor a quatro.

Caminho de Ávila, 29/8/1972

GARCILASO EM TOLEDO

Doña Amelia Rodríguez em Toledo
tão velha curva caracol de negro
e róseo o rosto de piedade antiga
o lenço fino e preto no cabelo
azul de branco e de limpeza clara,
é quem San Pedro Mártir lá resguarda
dos olhos vis por quão desentendidos.
De sua pequenez acorcundada
levanta para mim de olhar de infância
mirada comovida quando lhe pergunto
pela de Garcilaso tumba e terra:
desnudo espirtu o hombre en carne y hueso.
As luzes nos acende para vê-lo
ajoelhada estátua ao lado de outra
(seu pai, seu filho, não se sabe e ele
qual é dos dois, tão de Castela império
em barba curta os dois de Carlos Quinto),
se desespera de não ser bastante
a luz que incide nesse claro ingenio.
Consolo-a, milagreira não será
que só milagres santos fazem, mas
será que ela é uma santa iluminando humanos
do fundo transparente de inocência
que como de aura luminosa a veste?
Doña Amelia Rodríguez se sorri
santa não é, só pobre pecadora
(como desde criança lhe ensinaram),
mas vai a regalar-me um livro que ali tem,
o livro das poesias de su poeta,
y usted que vino a verle bien lo sabe,
de los mayores de España y más del mundo.

SOBRE ESTA PRAIA...
OITO MEDITAÇÕES À BEIRA DO PACÍFICO

1977

*et puer est et nudus Amor. Sine sordibus annos
et nullas vestes, ut sit apertus, habet.*

Ovídio, *Amores*, I, X, 15-16

Sobre esta praia me inclino.

Praias sei:

Me deitei nelas, fitei nelas, amei nelas
com os olhos pelo menos os deitados corpos
nos côncavos da areia ou dentre as pedras
desnudos em mostrar-se ou consentir-se
ou em tombar-me intentos como o fogo
do sol em dardos que se chocam brilham
em lâminas faíscas de aço róseo e duro.
Do Atlântico ondas rebentavam plácidas
e o delas ruído às vezes tempestade
que em negras sombras recurvava as águas
me ouviram não dizer nem conversar
mais do que os gestos de tocar e ter
na tépida memória as flutuantes curvas
de ancas e torsos, negridão de pêlos,
olhos semicerrados, boca entreaberta,
pernas e braços se alongando em dedos.
Aqui é um outro oceano.

Um outro tempo.

Miro dois vultos na silente praia
pousada rente à escarpa recortada abrupta
que só trechos de areia lhes consente:
dois corpos lado a lado como espadas frias.
Ainda que desça a perpassar recantos
onde se acolherão mais corpos nus,
é um outro oceano, um outro tempo em outro
diverso em gente organizado mundo.
Ambíguos corpos, sexos vacilantes,
um cheiro de cadáver, que ao amor não feito

concentra de tristeza e de um anseio
de matar ou ser morto sem prazer nem mágoa.
Aqui mesmo de olhar-se um qual pavor gelado
pinta de palidez o rosto que sorria,
o corpo que se adiante ao gesto desenhado.
E nem mesmo de outrora e de outros mares
se atrevem a deitar-se imagens soltas
que uma vez alegria acaso tenham sido.
Se aqui nasceram deuses, nada resta deles
senão a luz mortal de corpos como máquinas
de um sexo que se odeia no prazer que tenha
e mais é de ódio ao ver-se desejado.

27/9/1972

II

Pergunto-me a mim mesmo – tão curioso
como a criança a ser-se adolescente
que mal se entende em como os corpos agem –
a que diversos jogos ou não-jogos
se dão na intimidade estes que vejo
inteiramente nus no areal da praia
entre uma escarpa que os esconde e o mar
que tudo aceita em ondas sucessivas.
Deitados no saber de ao sol queimarem
o mais oculto de si mesmos são
dois jovens e uma jovem misturados.
Um dos rapazes se recosta contra o corpo
do outro rapaz que alonga dorso e pernas,
enquanto neste se debruça e dobra,

pendendo os frescos seios e os cabelos,
o corpo feminino associado aos de ambos.
Mas nada indica excitação nos machos
de quem se poussa o sexo ou distendido pende
em de sereno indiferente como
a só vazia ausência de mistério
que a corpos dava um fervor quente e humano.
São, como deuses, animais sem cio?
Ou são, como animais, humanos que se aceitam?
Ela é de quem? De um deles só, dos dois?
Um deles será dela mas também do outro?
Será cada um dos três dos outros dois?
Ambos os machos serão fêmeas do outro?
Ou só um deles? Qual dos dois? O que
sentado se recosta? O que deitado
aceita contra o seu o corpo recostado?
Os três são muito belos, e não só
daquela de escultura juvenil audácia
cifrada em curvas duras de suaves linhas,
mas igualmente da pureza límpida
que só em torno ao sexo se enegrece um pouco.
Quem se pergunta como eu me pergunto
confessa claramente que distância
existe entre o passado e este presente
assim deitado ao sol à beira de água
como estes três se deitam ou recostam
sem que sequer com as mãos os sexos toquem,
senão o de outrem, mesmo o de si mesmos.

4/10/1972

III

Sobre estas águas a que luz de inverno
dá não sombrias cores, ou nestas praias
em que uma brisa fria não levanta areias,
paira ou perpassa a calma e tamisada
serena paz das tardes infinitas.
Rareia só a gente num silêncio
de corpos isolados que deambulam
dispersos na distância ou que se deitam nela
a dissolver-se glabros na ondulada linha
de linhas sucessivas em que as algas secas
são como escuras crespas cabeleiras nuas
de sexos e cabeças de gigantes que,
sumidos no sem tempo, mais não deixam deles
que essa memória solta por gastado em águas
o corpo que o seu foi por sobre a praia em rochas.
Nesta nudez total do que ainda se demora
dispersamente humano ou imagem sobre-humana,
o que fisicamente não têm voz nem gestos,
ou nem mesmo de olhar se comunica além
de uma presença solta pelo espaço límpido,
é como se do mundo espelhos se partissem
que nem sequer em estilhas neste sol dardejaram,
e como se Narciso os não tivera para
se contemplar lá onde as águas o chamassem
para afogar-se mesmo em olhos que o fitassem.

6/10/1972

IV

Escuroscuro cendriplúmbeo e vento
em de rajadas pálido, céu-tempo
o sol esconde e luz só de calor
esfria de suspensa na manhã rompente
além do manto-sombra como espessa
apenas uma ausência de azul duro
que ardido ardente em torno à pele humana
a nua gente insectos voar fizesse
ao longo desta margem serranias
do mar lambidas em pequenas praias
onde pousaram de entre rochas forma
em por de areia o espaço procurado
à solidão sem nome de se verem nus
como rosados pontos distendidos
ou caminhantes pela de água-areia
fímbria molhada em que perpassam lentos
deambulando o quanto na nudez se move
em danças do que preso se balouça e salta
a cada passo de hesitante voo.
Visão estival.

Mas hoje só memória.

E é tarde já, no dia como no ano,
até que voltem mais do que manhãs
de sucessivas em contínua série
bastante a despertar o gosto habituado
em estios que hoje súbitos se acabam,
ou a – que é mais – a novos que antes nunca
se haviam visto assim por praias de si mesmos
morder a tentativa que até aqui os traga
à mesma solidão de humano corpo inteiro
em vértice cruzando o céu, a terra, o mar,

numa diagonal de enviesados olhos
que a todos os perfure na inocência
com que se entregam de distância e luz,
virgens de nada menos de ali estarem,
ali se desnudarem e passarem nus.
Num outro tempo hão-de voltar ou não,
se como enxames ou marinhas aves
uma outra margem mais deserta encontrem
de humanidade que se não despindo
é como olhar que os veste das suadas roupas
com que de humana a carne se envergonha
o quanto desejou não ser vergonha ali.

7/10/1972

V

Ansiosamente que o sol nasça espero
olhando as nuvens pelo céu tão claro
que é ainda incerto o sol romper de entre elas.
Últimos dias estes são estivais
e um frio se desliza no ar imóvel
anunciando já os dias sucessivos
a só de luz não serem como inverno
(aqui, não mais inverno que este engano
bastante a remover desnudos entes
para dentro das roupas tão cingidas
que menos se adivinha o que cingir mostrara).
Assim, se o sol sair, talvez que seja
este hoje um pouco de calor por horas
de ardência e mar, e os poucos pertinazes
em não perdê-lo venham junto às águas

sempre outros que não voltam repetidos
passar no espaço os corpos invisíveis
no dia a dia que se abeira rápido.
Ainda de vê-los me contentarei,
neste país aonde a vida esconde
de todos e si mesma até um gesto vago
em que de alguém a natureza espreite
como uma confissão de estar-se nu
em pensamento ao menos (de quem olha
ou de quem por olhado se aumentara
daquela carne que saliente ou funda
se aponta a quanto se abra, ou se abre ao que se aponta).

10/10/1972

VI

Como de outrora deuses pelas praias
(ou na Camargue de hoje aldeões marinhos)
desnudos cavalgavam rente às ondas
na húmida areia e vasta pela baixa-mar
deixada a descoberto com seus molhos de algas,
e as patas dos cavalos chapinavam
num mesmo brilho em que do sol fulgiam
claror e sombras nos divinos corpos
cujo cabelo voava como crinas, caudas,
dos animais flutuando entre o limite de águas
e o céu que de centauros se recorta,
estes deslizam dois, silêncio não
mas pares de rodas de estrondeantes máquinas
ao próprio mar calando o som tranquilo,
centauros (sim e não) nessa unidade

entre nádegas nuas e mãos duras
e o mecanismo a que transmitem quanto
não de vida recebem de animais unidos
em pele contra pele, suor contra suor.
Chapinam chispas e cabelos voam,
mas doura o sol com brilhos de metal
as máquinas e os torços que fulgiram
melhor noutra silêncio. Ainda resta,
e mais violenta, a graça de correr
montando-se o que corre às ordens do
impulso de existir-se em corpo e sexo
absorto no de voar pelos espaços
que de cortados ares se rasgam brisa.
Mas não existe já essa unidade
de ser-se em quatro patas duas pernas
mais que de prometido salta sexo
em movimentos fluidos e dormentes,
e que duro viria sangue e carne
(e não metal da máquina ruidosa)
a penetrar a carne entreaberta
e quando o centauro as quatro patas deixe
e se desmonte em duas mais terceira
erguida no ar como os cavalos erguem,
num sacudir de crinas, a cabeça
de olhos arregalados, boca espumejante,
e o corpo tombe horizontal no abraço
em que de humanas línguas e entrelaços
se façam deuses de que os homens sejam.
Como de outrora deuses – mas não deuses
nem mesmo aldeões de agora antigos tanto:
e não qual sendo humanos se desmontam,
as máquinas largando silenciosas.
Os corpos de esbelteza, ei-los tão frios,

ao se alongarem solitários tais
que aos sexos um tremor lhes não acode
de quando no metal eram vibrados,
e o mar que se ouve agora não convoca
à luz do sol os sonhos repousados
de que ligeiramente, só ligeiramente,
um pouco se engrossassem distendidos,
qual em leito de pêlos se destacam,
de que também mais claras pendem bolas
tão flácidas como eles, uns e outras
como que exaustos antes de uma posse
que só abstracta se cumpriu na força
de duas rodas cintilando acasos,
fortunas não cumpridas e em si mesmas
fechadas, prisioneiras, no volver velozes
por patas que não houve que ao destino cravem
na terra como em carne a suspensão do tempo,
apenas por instantes (mais não seja),
de ser-se um corpo visto que deseja sê-lo
no que de amor centauros se prometem.
Neste ficar de corpos e de máquinas,
cavalos não passeiam na memória
pastando com seus dentes e seus lábios,
as ervas cujos dedos se levantam
mas nada tocam do que os não conhece.

23/10/1972

VII

Não sonharei da névoa cobre os montes
e o mar se faz de névoa sem distância

que o sol não rompe senão baço e pálido.
Uma friagem resta mesmo quando
a luz aquece esta paisagem parda
e a aclara em escarpas que o silêncio rói
num simples de cascalho tombam pedras.
Ao longe, entre os arbustos ressequidos
na areia sobrevividos onde o mar não chega,
o brônzeo e róseo de um desnudo corpo
as nádegas redondas e por certo duras
alteia em curvas luminosas como
o dorso e as pernas que ali estão também
na escura confusão de areia suja
e desses ramos nunca verdes antes.
Se se voltara para o sol volvendo
aquela frente que de ambíguos corpos
separa os que têm seios e de pêlos
na inserção das pernas só triângulo,
daqueles que só liso o torso têm
pendente a tripla parte que os diz homens
lá de onde os pêlos mais espessos sejam,
nada seria no deserto a imagem
da livre humanidade que é só carne
e encontro eventual de dois desejos
com que se esgrimem sexos ou penetrem
o que estrangule e precipite o fim.
Não há metamorfoses neste mundo
que mesmo ardendo ao sol se esconde no
mostrar-se inteiro qual por outros mundos.
apenas se entremostra o já desejo ansiado
as pernas apertando ou separando
na mesma força tensa, macho ou fêmea,
não existente aqui nas nádegas visíveis
ainda que tão duras de redondas

e do rosado brônzeo mal dourado ao sol.
Tão longe está de por onde outros passem,
não para que lá passem vindo ao longe
adivinhado corpo que se esconde
atrás de arbustos ressequidos. Longe
de todos e si mesmo. Um pobre corpo
esplêndido mas triste de o tão ser
que só distante aos ares se apresenta
como num espelho sem cristal a não
sequer o reflectir para lembrar-lhe
a própria imagem de que seja humano.
Mas aqui não. Aqui apenas é
na solidão do mundo a solidão buscada
para ter corpo inteiro sem que o saiba alguém,
nem mesmo ele saiba se é mulher, se é homem,
senão quando vestido for como lhe ordenam
que nas cidades vá como hábito de ser-se.

24/10/1972

VIII

Um fósforo lançado ao chão do estio seco
as sarças incendeia no caminho
que desce à beira de água.
Em vão tento apagar as chamas que se ateiam
por de estalidos fogo
a propagar-se pela encosta acima.

Lá em baixo as águas silenciosas, rochas,
areias em que corpos
jazem desnudos se queimando ao sol

na frigidez da aragem
que distraída pousa como os sexos dormem
nos ventres de que são portas cerradas ou

colunas que se ignoram.
Não descerei lá hoje, o incêndio queima
este descer incógnito e vazio à praia
algidamente ardente
a que formas de corpos vieram procurar
só uma inocência que não têm na vida.

Crepitam sarças mas os corpos não.

6/12/1972

PREFÁCIOS À
OBRA POÉTICA COMPLETA